

PROF^a CAMILA M PASQUAL
DISCIPLINA: LITERATURA.

NOVE NOITES, DE BERNARDO DE CARVALHO

BIOGRAFIA

Bernardo Teixeira de Carvalho (Rio de Janeiro RJ 1960). Romancista, contista, jornalista e tradutor. No ano de 1983 forma-se jornalista pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). Ainda na década de 1980 radica-se na cidade de São Paulo e a partir de 1986 trabalha na *Folha de São Paulo*, jornal no qual exerce função de diretor do suplemento de ensaios *Folhetim*, é correspondente internacional em Paris e posteriormente em Nova York e, entre 1998 e 2008, colunista fixo do caderno de cultura *Ilustrada*. Com dissertação a respeito da obra de Wim Wenders, obtém grau de mestre em cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) no ano de 1993, quando também lança a coletânea de contos *Aberração*, que marca sua estreia na literatura. Seu primeiro romance sai em 1995 e, desde então, tem publicado traduções e exercido a função de crítico literário.

OBRAS

1993 *Aberração* (coletânea de contos); 1995 *Onze* (romance); 1996 *Os Bêbados e os Sonâmbulos* (romance); 1998 *Teatro* (romance); 1999 *As Iniciais* (romance); 2000 *Medo de Sade* (romance); 2002 *Nove Noites* (romance); 2003 *Mongólia* (romance); 2007 *O Sol se Põe em São Paulo* (romance); 2009 *O Filho da Mãe* (romance); 2013 *Reprodução* (romance); 2016 *Simpatia pelo demônio* (romance).

Nove Noites, sexto livro de Bernardo Carvalho, narra uma investigação sobre a misteriosa morte de um antropólogo americano, Buell Quain, que aos 27 anos, em 1939, se suicida após uma estada em uma aldeia indígena situada no Tocantins, no Brasil, quando subitamente regressava à civilização. No meio da floresta, Buell Quain, sem motivos aparentes, retalhou-se e enforcou-se na frente de dois índios horrorizados que o acompanhavam na volta para a cidade da Carolina.

O autor, com sua escrita singular, abstrai de um fato a sua ficção, utilizando a realidade como pano de fundo para expor, em suas páginas, um romance **metaficcional**. A partir de dados da realidade, ele recria um mundo verossímil, mas fictício, no qual fatos e imaginação se misturam, ao ponto de não ser possível separá-los. Há, nisso, algo que representaria o início do século XXI? É uma narrativa mesclada que aglutina a escrita jornalística, midiática e literária, tecendo um novo paradigma para a literatura na era da informação imediata e interativa. A narrativa é dispersa no tempo e no espaço. **O tempo** é cortado a todo o momento. Fragmentos do passado intercalam-se com o presente, e dois narradores distintos auxiliam-se na tentativa de traçar a vida e a morte de Buell Quain. Contendo dezenove fragmentos que lembram capítulos, a narrativa divide-se entre os dois narradores: dez narrados pelo Jornalista, no presente; e nove narrados pelo **sertanejo Manoel Perna**, no passado. O **narrador-personagem do passado**, que conviveu com Buell Quain, sendo seu confidente e amigo, conta a sua experiência íntima com o suicida. O **outro narrador**, chamado de **personagem-escritor/jornalista/repórter**, está no presente; faz pesquisas como jornalista, viaja atrás de fatos e fotos para tentar esclarecer o suicídio do antropólogo e narra a si mesmo durante sua busca de identificação do personagem Buell Quain.

A história de Quain é verdadeira. O autor soube dela por um artigo no "Jornal de Resenhas", da "Folha de S. Paulo", escrito pela antropóloga Mariza Corrêa, em que o caso era citado de passagem.

A história do escritor, ao menos em parte, também é verdadeira: na orelha do livro há uma foto de Bernardo Carvalho, aos seis anos, ao lado de um índio do Xingu, região onde seu pai de fato fora proprietário de terras. O resto permanece em suspense - e nem o próprio autor parece disposto a separar **fato de ficção**

INVESTIGAÇÕES, PROVÁVEIS ENTRE A VERDADE E AMENTIRA.

A narrativa Nove Noites se apresenta como um misto de romance reportagem e de romance-policial; uma escrita que se apoia numa obsessão investigativa, na tentativa de investigar fatos ocultos, na busca incessante pela verdade. O texto é intrigante, promovendo a inquietação e desconfiança de seus narradores e leitores. O principal assunto do livro refere-se a um fato real: **o suicídio do antropólogo americano Buell Quain, entre os índios Krahô, em 1939, no Brasil.** Esse caso, ainda tendo sido um tabu para a antropologia brasileira, foi logo esquecido, mesmo porque não foi difundido para o público. A partir de um artigo de jornal, ao tomar conhecimento da história por acaso, o narrador desse romance decide investigar as razões do suicídio, sessenta e dois anos depois, ou seja, em 2001.

A história trágica desse antropólogo, perdida nos anos e na memória, torna-se o ponto de partida da narrativa de Bernardo Carvalho. Como recurso literário, o autor projeta em seu texto fotos e personagens da década de 1930, retratando pessoas **reais** ou **imaginárias**, localizadas em espaços geográficos delimitados. Sendo assim, o leitor nunca sabe exatamente onde está pisando Tendo como base o caso sinistro de Buell Quain. Bernardo Carvalho vai entrelaçando história e ficção, histórias mais ou menos documentadas, numa visão parcial. Diante da impessoalidade de apreender a realidade na sua totalidade. A literatura, em sua estruturação ficcional, ganha o território do incerto e do inquietante, do que ainda não foi. Em “Agradecimentos”, final de Nove Noites, o autor deixa evidente o caráter fictício de sua narrativa. **“Este é um livro de ficção, embora, esteja baseado em fatos, experiências e pessoas reais. É uma combinação de memória e imaginação”**

FICÇÃO A PARTIR DE PEQUENOS ESPAÇOS DE UMA REALIDADE.

Nove Noites trata-se de uma obra que apresenta uma estrutura arquitetônica complexa, pois se assenta na alternância de duas narrativas, diferenciadas, inclusive por traços gráficos utilizados por Bernardo Carvalho.

A primeira narrativa (**escrita em itálico**) é conduzida por um narrador-personagem, um engenheiro- sertanejo e morador de Carolina, contemporâneo e amigo do antropólogo americano Buell Quain. A escrita desse narrador pode ser caracterizada como uma espécie de carta-testamento, endereçada a um antigo “amante-amigo” de Buell Quain, cuja chegada é esperada. Essa narrativa epistolar¹ é na maioria das vezes introduzida pela frase **“Isto é para quando você vier”**, enunciado esse que gera suspense em torno da personalidade de um destinatário particular e ausente. Já no primeiro instante, o leitor entra numa trama de suspense com relação a esse **“você”**: quem seria e quando viria?

Bernardo Carvalho, além do mistério, também produz uma ambiguidade semântica atrelada ao **dêitico**² **“você”**. O pronome de tratamento refere-se ao destinatário secreto ao mesmo tempo em que se dirige a qualquer um que poderia ter acesso à carta ou à narrativa e, nesse caso, o **“você”** passa a ser o leitor, grande personagem que tenta desvendar os enigmas do texto. **(Conversa com o leitor)**

A carta-testamento representa a primeira metade da narrativa e foi escrita pelo narrador sertanejo em meados dos anos 1940, quando relembra as “nove noites” em que passara com Buell Quain. Foram nove noites que compreendem um intervalo de cinco meses, desde o dia em que os dois se conheceram até à última viagem à aldeia Krahô. Trata-se de uma carta alusiva e duvidosa, remetendo a fatos não conhecidos ou simplesmente imaginados: **“O que agora lhe conto é a combinação do que ele me contou e da minha imaginação ao longo de nove noites”** Através do olhar ou da imaginação do narrador Manoel Perna, tem-se explicitada a intimidade do antropólogo, bem como um efeito de cumplicidade entre esse narrador e o destinatário ausente.

A outra narrativa é conduzida pelo trabalho de pesquisa e investigação empreendido por um **narrador- escritor** disposto a descobrir a verdade sobre o suicídio de Buell Quain. Para isso, ele não poupa esforços na busca de pistas (cartas perdidas, jornais, fotos e

1 Relativo a escrever cartas. Cujas formas são a carta. Narrar em epístolas.

2 Elementos linguísticos que indicam o lugar (aqui) ou o tempo (agora) em que um enunciado é produzido e também indicam os participantes de uma situação do enunciado (eu/tu).

depoimentos de contemporâneos) que possam conduzi-lo a um desfecho. Esse narrador-escritor visita o Xingu, misturando-se com os índios em busca de informações sobre o convívio do antropólogo com os índios Krahô, e, ainda, viaja para os Estados Unidos tentando encontrar algum parente e mais verdades sobre o suicida.

Não existe um desfecho para o suicídio de Buell Quain e, diante de tantas informações e relatos, o narrador toma a amedrontada decisão de transformar todo material pesquisado em ficção. Trata-se de um texto que se apresenta como um relato ou meta-relato, ou seja, como uma narrativa ficcional assinada por Bernardo Carvalho.

RELATO DO NARRADOR-SERTANEJO: CARTA-TESTAMENTO

O narrador-personagem nos informa que o antropólogo americano Buell Quain, seu amigo, morreu na noite de 2 de agosto de 1939, aos vinte sete anos. Trata-se de suicídio, uma morte marcada por uma violência assustadora, pois o antropólogo se cortou e se enforcou, sem explicações aparentes. Diante do horror e do sangue, os dois índios que o acompanhavam na sua última jornada de volta da aldeia para Carolina fugiram apavorados. Buell Quain deixou sete cartas impressionantes, mas que nada explicam. Ele deixou cartas para os Estados Unidos, para o Rio de Janeiro, para o Mato Grosso e duas para a cidade de Carolina, uma para o capitão, delegado de polícia, Ângelo Sampaio e outra para o narrador Manoel Perna. Em relatos (redigidos com a ajuda do próprio narrador) para evitar um inquérito sobre a morte/suicídio, Buell Quain foi chamado de infeliz e louco. Era, também, incrédulo e desconfiado.

O narrador-personagem nos relata sobre o dia da chegada do antropólogo à cidade (chamada de morta nas cartas), em maio de 1939. Quando o hidroavião da Condor chegou, todos correram para o rio. O ilustre etnólogo foi fotografado ao lado dos índios e do piloto, num momento extraordinário que foi rapidamente esquecido por todos, menos pelo narrador. O etnólogo apresentava-se por trás de uma elegância, imprópria para o lugar e a ocasião. Usava um chapéu branco, camisa branca, bombachas e botas, como se fosse o capitão de um navio.

O narrador-personagem, humilde sertanejo, amigo dos índios, quando foi apresentado ao etnólogo pelo representante da Condor, nem fora notado pelo mesmo. Algum tempo depois, os dois tornaram-se aliados e amigos e, no período que antecedia a tragédia, o narrador já via nos olhos de Buell Quain o desespero que tentava dissimular e nem sempre conseguia. O silêncio do sertanejo era a prova de sua amizade que ia conquistando Buell Quain. O narrador conviveu com os índios desde criança e os apreciava muito, mesmo sendo considerado, por eles, um pouco louco (todos os brancos eram considerados como tal).

A mesma amizade que o sertanejo dedicou aos índios também dedicou a Buell Quain, pois tanto os índios quanto ele estavam sós e desamparados. Nenhum fato abalou mais o narrador do que a morte de Buell Quain, mesmo quando foi destituído das funções de encarregado do posto indígena Manoel da Nóbrega pelo Senhor, Caldo Meireles, inspetor do Serviço de Proteção aos Índios, três anos depois da tragédia. Esse cargo, em defesa dos índios, havia sido conquistado com a ajuda do Dr. Buell Quain, graças às cartas de recomendação que enviou ao Rio de Janeiro. Após o suicídio, o narrador lamenta o massacre da aldeia de Cabeceira Grossa, preparado pelos fazendeiros, que poderia ter sido impedido por Buell Quain.

No dia 9 de agosto, de 1939, cinco meses depois que Buell Quain tinha chegado a Carolina, no final da tarde, uma comitiva de vinte índios entrou na cidade, trazendo a triste notícia e a bagagem pessoal do Dr. Buell Quain.

O narrador, muito emotivo, conferiu os objetos do etnólogo. Entre roupas, sapatos, livros de músicas e uma Bíblia, havia um envelope com fotografias, com retratos dos negros do Pacífico Sul, dos *Trumai* do alto Xingu. Porém, não havia nenhuma foto de família (nem do pai, nem da mãe, nem da irmã, nem de nenhuma mulher). Os índios, com medo que pudessem ser incriminados, levaram todos os pertences do etnólogo para casa do narrador. O professor Pessoa traduziu uma das cartas, em inglês, deixada por Buell Quain e acalmou os índios e garantiu a todos que eles não tinham nenhuma responsabilidade na trágica ocorrência. Aproximadamente, seis anos após a morte de Dr. Buell Quain, o professor Pessoa já se diz etnólogo e se autoproclama (de uma forma medíocre e ignorante) estudioso dos Krahô, como se nunca tivesse passado nenhum etnólogo por Carolina.

O narrador também relata que uma única carta havia sido guardada por ele, pois o destinatário não era ninguém da família de Dr. Buell Quain, nem outro antropólogo ou missionário. Ele jurou que ninguém além do destinatário (**“você” oculto**) poria os olhos nela.

Dessa forma, com a ajuda do professor Pessoa, o narrador escreveu e enviou um bilhete cifrado ao destinatário oculto, “**você**”.

O narrador-personagem nos informa que Buell Quain emitira correspondências para o destinatário oculto (“**você**”) e esperava com muita ansiedade uma resposta. Segundo os índios, Buell Quain, depois de receber a última correspondência, foi tomado por um profundo abatimento e queimou algumas cartas e, chorando muito, escreveu as que deixou, antes de se suicidar no meio da noite. Buell Quain alegou ter recebido más notícias de casa e comunicou aos índios a sua decisão de não mais ficar na aldeia.

Para os índios, Buell Quain não falou sobre nenhuma doença, pois não queria assustá-los. Já para os brancos, relatou uma doença contagiosa, pedindo-lhes que desinfetassem as cartas antes de lê-las. Os homens ilustres que assediaram e mandaram convidar Buell Quain para a festa de fundação da Casa Humberto de Campos, agora mal se lembravam do seu nome ou de sua passagem pela cidade.

Buell Quain era um homem atormentado e constrangido pela multidão, com uma expressão sempre perturbada.

Buell Quain passou nove noites na companhia do narrador personagem.

O etnólogo falou sobre uma ilha no Pacífico, onde os índios são negros, e do tempo que passou entre esses índios e de uma aldeia, chamada **Nakoroka**, onde cada um decidia o que queria ser, escolhendo, inclusive, sua própria família. Tratava-se de uma sociedade com leis e regras rígidas, cabendo aos indivíduos a escolha de seus papéis na mesma. Uma aldeia com traços genealógicos desconhecidos e identidades eletivas. Buell Quain queria, num primeiro momento, estudar zoologia, interessando-se, depois, pela antropologia. Em março de 1931, na comemoração do final de semestre, o etnólogo e um grupo de amigos beberam muito e foram ao cinema. Na tela, assistiram a uma história de amor no Pacífico Sul, proibida pelas leis de uma sociedade de nativos. A partir desse episódio, Buell Quain trancou sua matrícula da faculdade e embarcou em um cargueiro para Xangai, disposto a encontrar a ilha encantada do filme. Como o narrador apresentava dificuldades para vislumbrar as descrições, Buell Quain mostrou-lhe uma fotografia e um desenho ou retratos de dois negros muito fortes, que posaram para ele com as costas nuas.

Buell Quain passou meses entre os Trumai, entre agosto e novembro de 1938. Depois, foi chamado de volta ao Rio, seguindo para Cuiabá a Simões Lopes, no Mato Grosso.

O antropólogo americano tinha pavor de ser confundido com as culturas que observava: **“nada podia-lhe causar maior repulsa do que ter que viver como os índios, comer sua comida, participar da vida cotidiana e dos rituais, fingindo se um deles. Tentava manter-se afastado e, num círculo vicioso, voltava a ser observador”**. Na aldeia Trumai, Buell Quain se aproximou mais das crianças, observando seus jogos sexuais que envolviam adultos.

Segundo o narrador, o sexo assombrava a solidão de Buell Quain. Os Trumai vivenciavam um processo coletivo de autodestruição, pois, mesmo estando em vias de extinção, continuavam fazendo abortos e matando recém-nascidos. Para Buell Quain, **“os Trumai veem na morte uma saída e uma libertação dos seus temores e sofrimentos”**. O narrador reflete sobre a identificação que o etnólogo apresentava com os Trumai.

O narrador nos relata a inquietação existencial de Buell Quain, achando que estava sendo perseguido ou vigiado onde quer que estivesse: **“Achava que existia uma rede de informações no Brasil. Não era só a polícia no Rio ou os inspetores do SPI na selva que o assombravam. Dizia que todos os seus passos eram observados desde que havia pisado no Brasil. Nunca vi ninguém tão só.”** Buell Quain vivia em busca de si mesmo ou se escondendo. Buscava um ponto de vista que não estivesse no campo de sua própria visão, vivendo como um estrangeiro para si mesmo.

Buell Quain sempre teve fascínio pelas ilhas, pelos universos isolados. Quando voltou a Carolina, no final de maio, falou sobre uma ilha que conheceu. Falou sobre uma casa com vários quartos ocupados por amigos. Certa vez, quando chegou de um passeio solitário foi surpreendido por um desconhecido que sacou de uma máquina fotográfica e registrou a sua imagem. Buell Quain confessou ao narrador que viera ao Brasil com a missão de contrariar a imagem revelada naquele retrato. **“Havia sido traído pelo intruso e sua câmera. Não podia admitir que aquela fosse a sua imagem mais verdadeira: a expressão de espanto diante do desconhecido.”** O desconhecido fotógrafo tornou-se amigo de Buell Quain e, um dia antes do etnólogo embarcar para a selva da América do Sul, ele foi até seu apartamento disposto a fotografá-lo novamente. Agora nós leitores nos deparamos com a revelação de que esse desconhecido é o destinatário oculto das cartas de Buell Quain.

O narrador nos relata que Buell Quain sentiu-se traído pelo homem desconhecido. Parece que o antropólogo tinha um envolvimento sexual com uma mulher e o fotógrafo também se envolveu com essa mulher. O antropólogo e o fotógrafo eram amantes e a presença da mulher surgia como uma ameaça ao relacionamento dos dois. Diante disso, Buell Quain resolve partir para o Brasil e o desconhecido (destinatário) foi a sua casa na cidade, determinado a fazer os retratos que ficariam como a única lembrança do amante.

Em momentos de maior distração e melancolia, Buell Quain falava muito sobre uma mulher, sem deixar claro se era a sua própria esposa ou a mulher que propiciara o seu desentendimento com o fotógrafo. Porém, o etnólogo havia dito ao narrador que não era casado. Buell Quain tinha uma imaginação muito fértil e sempre que desejava revelar alguma coisa importante apelava para a sua criatividade. Em uma de suas criações imaginárias, ele acabou por revelar que se relacionava com prostitutas.

Buell Quain tinha uma cicatriz na barriga e dizia aos índios que era uma consequência de uma doença antiga, uma doença que estava voltando e se resolvia na febre. Certa vez, Buell Quain declarou que seu pai era médico-cirurgião e o narrador, em uma conclusão própria, entendeu que o amigo tivesse sido operado na infância pelo próprio pai. Nessa noite, em que estava conversando com o narrador, Buell Quain dizia estar muito doente. Quando o dia amanheceu, levantou-se antes do amigo e já tinha preparado tudo para partir a pé com os índios, enquanto o narrador voltaria sozinho para Carolina.

O narrador chega à conclusão de que as nove noites que passara com Buell Quain fora uma grande confissão ou a preparação para a morte do etnólogo. Segundo ele, Buell Quain talvez tenha se matado para inocentar os índios, pois a sua presença na aldeia já os incriminava.

O NARRADOR- ESCRITOR E O SEU DISCURSO

O narrador-escritor deparou-se com a atraente história de Buell Quain quando leu um artigo de jornal, na manhã de 12 de maio de 2001, um sábado, quase sessenta e dois anos depois da morte desse antropólogo, às vésperas da Segunda Guerra. O artigo relatava a história de um outro antropólogo, que também havia morrido entre os índios do Brasil, e citava, por analogia, o caso de ***“Buell Quain, que se suicidou entre os índios Krahô, em agosto de 1939”***.

O narrador-escritor procurou a antropóloga que havia escrito o artigo e demonstrou sua curiosidade pelo caso do etnólogo suicida. A partir das primeiras pistas indicadas por essa mulher, o narrador começa a montar um quebra-cabeça, na tentativa de investigar a biografia e o suicídio de Buell Quain.

Buell Quain se matou na noite de 2 de agosto de 1939, no ano de abertura da Segunda Guerra. Buell Quain não presenciou a bomba, nem a guerra, apesar de ter detectado nos índios “síndromes de comportamento e cultura” análogas às leis físicas. ***“Quando se matou, tentava voltar a pé da aldeia de Cabeceira Grossa para Carolina, na fronteira do Maranhão com o que na época ainda fazia parte de Goiás e hoje pertence ao estado do Tocantins. Tinha vinte e sete anos.”*** Buell Quain, nas últimas horas que precederam o suicídio, escreveu aos prantos pelo menos sete cartas. Essas cartas foram endereçadas a sua orientadora, Ruth Benedict, da Universidade Columbia, em Nova York; a dona Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional, no Rio de Janeiro; a Manoel Perna, um engenheiro de Carolina que se tornara amigo de Buell Quain, e ao delegado de polícia da cidade, Ângelo Sampaio. Outras cartas que o narrador não teve acesso foram endereçadas ao pai, Dr. Eric P. Quain, médico, recém-divorciado; outra ao missionário americano instalado em Taunay, em Mato Grosso, e uma terceira ao cunhado Charles C. Kaiser, marido de Marion, irmã de Buell Quain. O conteúdo das cartas lidas pelo narrador retratava a tentativa do etnólogo de constituir seus executores testamentários e instruí-los sobre a disposição de seus bens, bem como o desejo de isentar os índios de qualquer culpa relacionada ao suicídio.

Buell Quain chegou ao Brasil em fevereiro de 1938 e um ano e cinco meses depois estava morto. Chegou às vésperas do carnaval, no Rio de Janeiro, e foi morar numa pensão da Lapa, reduto de vícios, malandragem e prostituição. Em princípio, Buell Quain chegou ao país com o propósito de estudar os já conhecidos e aculturados Karajá. Mudou de planos ao conhecer um desafio maior: a realidade dos inacessíveis índios trumai, do rio Coliseu, no alto Xingu, que estavam em vias de extinção. Porém, um golpe abalou o já instável estado de espírito do etnólogo, quando sua expedição solitária aos Trumai ao longo de 1938, bem como sua pesquisa de campo foram interrompidas devido a algumas indisposições com os órgãos

Governamentais do Estado Novo, culminando em seu retorno ao Rio de Janeiro, em fevereiro de 1939.

Seu retorno à capital coincidiu com a chegada de dois colegas no Brasil: Charles Wagley (que vinha estudar os Tapirapé), Ruth Landes (jovem antropóloga que já estava no país com o objetivo de estudar os negros e o candomblé da Bahia) e William Lipkind, antropólogo estudioso dos Karajá. Buell Quain e os dois colegas eram os alunos queridos de Ruth Benedict, uma das principais representantes da corrente antropológica que ficou conhecida por associar Cultura e Personalidade.

Buell Quain, depois de se formar em zoologia, foi aceito na pós-graduação do Departamento de Antropologia de Columbia, pela Universidade de Wisconsin, em Madison. Passou seis meses na Europa e no Oriente Médio. Depois, esteve na Rússia. Em 1931, foi para Xangai, num barco a vapor, como marinheiro. Em 1935, esteve em Fiji, no Pacífico Sul. Buell Quain, além de muito viajado e estudioso, também se interessou por literatura e música.

Em 31 de maio de 1912, nasceu Buell Haivor Quain, filho de Eric P. Quain (41 anos) e Fannie Dunn Quain (38 anos) e irmão mais novo de Marion. A mãe e o pai se separaram pouco antes do suicídio de Buell Quain. O pai, inconformado, queria que a morte do filho fosse investigada, mas o processo não ia adiante, devido à constatação do suicídio. A mãe, com o auxílio de Ruth Benedict e do fundo deixado pelo filho, empenhou-se na publicação das notas que ele tomara em Fiji: além de *Flight of the Chiefs*, foi publicado outro relato sobre os dez meses passados entre os indígenas de Vanua Levu. Ela, também estudou linguística para preparar os manuscritos que o filho havia elaborado sobre a língua dos Krahô. Era uma mulher aflita e solitária que morreu aos setenta e seis anos.

O antropólogo mencionou em suas cartas “questões familiares”, dois meses antes de se matar. Tais questões o obrigavam a interromper o trabalho com os índios e voltar aos Estados Unidos. No Brasil, Buell Quain, assim como os outros antropólogos americanos, eram amparados por Heloísa Alberto Torres, principal responsável pelo acordo entre a Universidade Columbia e o Museu Nacional. Em uma carta endereçada a dona Heloísa, Buell Quain dizia que estava morrendo de uma doença contagiosa e pedia que a carta fosse desinfetada quando recebida. O etnólogo pedia-lhe desculpas por não conseguir terminar sua pesquisa e cuidados com relação aos índios Krahô.

Segundo os dois índios, **João e Ismael**, que acompanharam Buell Quain, guiando-o ao sair da aldeia no dia 31 de julho, sua prostração era psicológica e já se prolongava por dias. Contaram a Manoel Perna, o engenheiro de Carolina e único amigo do etnólogo na cidade, que o Buell Quain não mostrava nenhum sintoma de doença física e que sua prostração manifestava-se desde que recebera a última correspondência de casa. Numa carta que mandou para dona Heloísa, o engenheiro afirma que o suicídio estaria vinculado às questões familiares, quando Buell Quain mostrara-se muito contrariado com as notícias recebidas.

O narrador-Escritor/investigador desconfia que a morte de Quain tenha sido passional: ***“Devia haver outra pessoa envolvida. Ninguém pode estar totalmente só no mundo. Tinha que haver uma carta que ele revelasse os seus desejos e sentimentos.”*** O narrador descobre que o etnólogo teve um flerte com Maria Júlia Pourchet, embora se apresentasse como “casado”, mesmo não havendo nenhum indício ou referência a mulher alguma em nenhum outro documento ou correspondência anterior ou posterior à sua morte. Buell Quain era um tipo muito bonito, alto, moreno, diferente do americano normal. Numa carta à amiga Ruth Landes parecia esconder algo sobre a sua personalidade.

O narrador entrevista o professor Luiz de Castro Faria, uma das últimas pessoas vivas que conheceu Buell Quain em sua passagem pelo Brasil. Castro Faria retratou a frieza dos americanos diante da morte de Buell Quain, assim como as “excentricidades” do colega americano, principalmente, seus conflitos com o dinheiro.

Depois da morte de Buell Quain, quase toda a correspondência entre dona Heloísa, Manoel Perna, Ruth Benedict, a mãe e a irmã girava em torno do dinheiro deixado pelo morto. De uma forma inverossímil, Ruth Benedict foi acusada por inimigos de ter mandado Buell Quain para o Brasil com a perspectiva de herdar seus bens, como se previsse a morte do aluno e tivesse o conhecimento prévio da decisão dele de doar seu dinheiro para um fundo de pesquisa por ela administrado.

O narrador continuava suas investidas para saber se Buell Quain era ou não casado. Segundo Castro Faria, talvez o etnólogo não fosse casado, porque do contrário teria levado uma mulher consigo para as aldeias, pois certas áreas da cultura indígena não estavam abertas aos homens. Ao invés de uma mulher, Buell Quain, quando chegou em Cuiabá, a primeira coisa que fez foi procurar um piano. Ele era um musicólogo.

Buell Quain afirma ter sido influenciado “pelo contato com Lévi-Strauss” ao produzir o relatório sobre os índios Krahô. Buell Quain e Lévi-Strauss, autor do grande clássico da antropologia *Tristes trópicos*, foram contemporâneos. Esse antropólogo francês, de formação filosófica, e Buell Quain passaram noites conversando, em Cuiabá, o que explica o fato de o jovem americano ter procurado Strauss para desabafar quando mais precisou. Buell Quain achava que tinha contraído sífilis em consequência de uma aventura casual com uma moça que teria encontrado durante o Carnaval no Rio e foi incentivado pelo colega francês a se tratar.

Segundo Castro Faria, ninguém podia esperar que um antropólogo moço e já consagrado fosse se suicidar no Brasil.

Castro Faria ainda diz que talvez o suicídio não tenha tido nenhuma repercussão nacional e nem mesmo foi surpreendente, nem traumatizante para as pessoas locais, exceto para os índios.

Quando Buell Quain esteve com temidos Trumai, achava-os chatos, sujos e entediados, diferentemente dos nativos musculosos com que convivera em Fiji e que transformara num modelo de reserva e dignidade.

Os Trumai chamavam Buell Quain de capitão. Esse, quando chegou na aldeia raspou a cabeça e as sobrancelhas. Mal falava a língua, e não entendia as relações de parentesco e a organização social da aldeia. Os índios roubaram todas as suas roupas, como proteção contra os mosquitos, e ele teve que improvisar “trajes sumários” como um mosqueteiro. Na aldeia, a violência física não era permitida, mas uma vez, Buell Quain quase desencadeou uma comoção social ao bater na mão de um menino que lhe roubava farinha e ao pisar sem querer no pé do outro.

Buell Quain, de volta a Cuiabá, sofreu um ataque de malária. Em sua convivência com os Trumai, o antropólogo relata: **“Toda morte é assassínio. Ninguém espera passar da próxima estação das chuvas. Não é raro haver ataques imaginários. Os homens se juntam aterrorizados no centro da aldeia – o lugar mais exposto de todos – e esperam ser alvejados por flechas que virão da mata escura.”**

RELATOS BIOGRÁFICOS DO NARRADOR-ESCRITOR

A partir de agora, o narrador começa a relatar suas experiências na selva durante a infância, bem como a história e a morte de seu próprio pai. Trata-se do final dos anos de 1960, sendo o narrador ainda uma criança que viaja com o pai fazendeiro pelo alto Xingu. Nessas viagens, o menino aterroriza-se com os voos precários, com as aventuras e as promiscuidades do pai e com o contato com os índios.

Os pais do narrador eram separados e tinham chegado a um acordo sobre a sua guarda e o seu sustento na justiça. Buell Quain também havia acompanhado o pai em viagens de negócios e a partir daí não parou mais de viajar.

Em Mato Grosso e Goiás, o pai do narrador articulava a compra de dois latifúndios no sertão, por meio de títulos definitivos do governo, na tentativa de implantar um projeto agropecuário que se fortaleceu a partir de 1970.

O narrador começa a fazer essas reflexões sobre o Xingu, sobre o seu passado. Em agosto de 2001, quando foi levado por um antropólogo até os índios Krahô, pouco depois de ter lido pela primeira vez sobre o suicídio de Buell Quain no artigo de jornal.

Na busca por informações sobre os Krahô, o narrador encontrou um casal de antropólogos que, tendo estudado e vivido entre eles por mais de dois anos, decidiu criar uma organização independente de assistência aos índios, com subsídios nacionais e internacionais.

O narrador parte para a Carolina e chegando nessa cidade tinha o objetivo de conversar com o velho Diniz, **“o único Krahô vivo que conhecera Buell Quain, quando ainda era menino, e que podia me falar sobre o local em que o etnólogo fora enterrado.”** Como o velho não vivia na aldeia onde o narrador seria levado, a oportunidade seria única para entrevistá-lo.

O velho Diniz disse que os índios chamavam Buell Quain de **“Cämtwyon”**. Alguns índios disseram ao narrador que **“Twyon”** quer dizer lesma, o caracol e seu rastro. O antropólogo, estudioso dos Krahôs, já havia dito que **“cām”** era o presente, o aqui e o agora, mas a combinação das duas palavras não apresentava um sentido. Buscando uma relação desse nome com a pessoa de Buell Quain, o narrador chegou à seguinte interpretação: Na época de Buell Quain entre os Krahôs, Diniz era um menino que, curiosamente, acompanhava os passos do antropólogo.

Segundo Raimunda, a filha mais velha de Manoel Perna, que vivia em Miracema do Tocantins, a razão do suicídio de Buell Quain estaria vinculada à descoberta de que a mulher o teria traído com o cunhado. Entre as cartas que o etnólogo deixou ao se matar, havia uma para o marido da irmã e nenhuma para a própria esposa e nem para mãe. Dentre algumas citações, o narrador desconfiava que Buell Quain tivera uma relação ambígua com a irmã, Marion Quain Kaiser.

Na aldeia, o narrador ficou hospedado na casa de um Krahô chamado José Maria Teinô. Na convivência com os Krahôs sentia-se constrangido e ingênuo, tímido e amedrontado diante dos hábitos dos mesmos.

Diante da convivência nada harmônica do narrador com os costumes alimentares, com os rituais dos Krahôs, o mesmo chegou à seguinte conclusão: **“Se para mim, com todo o terror, foi difícil não me afeiçoar a eles em apenas três dias, fico pensando o que deve ter sentido Buell Quain ao logo de quase cinco meses sozinho entre os Krahô.”** Assim como Buell Quain não gostava da ideia de se tornar nativo, o narrador também resistia à cultura e aos rituais indígenas. **“Jurei que não me esqueceria deles. E os abandonei, como todos os brancos.”**

Em 1946, morreu Manoel Perna, afogado no rio Tocantins, durante uma tempestade, quando tentava salvar a neta. O engenheiro de Carolina e ex-encarregado do posto indígena Manoel da Nóbrega, segundo seus dois filhos mais velhos, não deixou nenhum papel ou testamento sobre Buell Quain. Manoel Perna foi enterrado e esquecido como o etnólogo e não tendo deixado nenhum testamento, o narrador imaginou a oitava carta.

O narrador relata a vida e a morte de seu pai. Trata-se do início dos anos de 1990 (há mais de onze anos), quando o pai do narrador foi afetado por uma doença raríssima e fatal, a síndrome de *Creutzfeld-Jakob*, e seu cérebro estava se tomando uma esponja. Nessa época, o narrador vivia em Paris e voltou para o Brasil para, juntamente com sua irmã, tomar conta do pai que tinha mais de sessenta anos. O pai sempre tivera uma vida desregrada e boêmia, com muitas mulheres e gastos. Chegou até mesmo a morar nos Estados Unidos com uma amante, uma funcionária cubana que cuidava de sua conta bancária. Diante das aventuras ilícitas do marido, a cubana pediu o divórcio e ficou com todos os bens americanos. O pai voltou para o Brasil, e, sozinho no Rio, passou a beber e tomar antidepressivos e calmantes ao mesmo tempo. Foi quando conheceu uma vizinha libanesa e passou a viver com ela uma relação tumultuada que abalou a saúde dele.

Os filhos, com a ajuda de um médico, tiraram o pai do convívio com a libanesa e o internaram em São Paulo. Instalado em uma semi-UTI, o pai dividia o quarto com outro doente que estava beira da morte. Três meses depois da internação, com a falência progressiva dos órgãos, o pai morreu.

O outro paciente, companheiro de quarto do pai, era um homem sozinho e raramente recebia visitas. Trata-se de um norte-americano, como Buell Quain, o que despertou a atenção do narrador. Um rapaz, contratado pela instituição de caridade que mantinha o asilo de onde viera o velho, às vezes aparecia e lia sempre as mesmas coisas ou debatia e dizia que esperava por uma pessoa que podia chegar a qualquer instante. Segundo o rapaz-leitor:

Uma vez, quando o narrador estava no leito do pai, resolveu observar o leito do americano e perguntou em inglês se ele necessitava de alguma coisa. Num processo convulsivo, o velho apertou a mão do narrador e, alucinadamente começou a pronunciar algumas palavras.

Após a morte do pai, o narrador ficou três anos fora e depois voltou para São Paulo. Ao ler o nome de Buell Quain num artigo de jornal e fazendo as devidas correções ortográficas, ele descobre que o velho americano no hospital, era a pessoa a quem ele se referia e que havia esperado por tanto tempo, “Bill Cohen”. De acordo com as sondagens empreendidas pelo narrador e com o depoimento de Rodrigo (o rapaz que lia para o velho), o americano chamava-se Andrew Parsons e era um fotógrafo que tinha vindo para o Brasil, por volta de 1940. O velho fotógrafo tinha deixado um único filho nos Estados Unidos. O narrador, em suas investigações, manda muitas cartas para americanos, tentando desvendar o vínculo do fotógrafo com Buell Quain. Suas correspondências não tiveram êxito, pois os americanos estavam vivenciando uma época de pânico, com a derrubada das duas torres do **World Trade Center** e por causa das remessas de antraz³ em cartas anônimas enviadas pelo correio a personalidades da mídia e da política americana e até mesmo a pacatos cidadãos. O narrador vai para Nova York, na

3 Doença infecciosa causada por estafilococo que se caracteriza pela aglomeração de furúnculos.

tentativa de encontrar o filho do velho americano e caso não conseguisse, estava disposto a transformar suas pesquisas e investigações em um romance, uma ficção.

Já em Nova York, o narrador em contato com Schlomo Parsons (filho do fotógrafo) observa diversas fotos do Brasil nos anos de 1950 e 1960: **“Ele me mostrou os retratos de alguns índios. Pareciam Krahô, mas podia ser de qualquer outra tribo. ‘Meu pai era fotógrafo. Passou a vida no Brasil. São índios brasileiros. Você não os reconhece?’** Diante das investigações, o narrador aceita que não havia nada que provasse uma ligação entre Buell Quain e o fotógrafo.

No avião, de volta para o Brasil, o narrador veio ao lado de um rapaz que lia um livro. Quando sobrevoavam a região onde Buell Quain havia se matado, o rapaz disse que era a sua primeira vez na América do Sul e entusiasmado disse que ia estudar os índios do Brasil. **“Virei para o outro lado, e contrariando a minha natureza, tentei dormir, nem que se fosse só para calar os mortos.”**

NOVE NOITES: “COMBINAÇÃO DE MEMÓRIA COM FICÇÃO”

Nove Noites é uma narrativa inventada a partir dos espaços de uma realidade dada (o suicídio do antropólogo). As vozes que articulam os relatos deparam-se com as verdades precárias, fragmentadas, errantes e, diante da incerteza, a possibilidade de uma outra realidade torna-se inevitável; realidade essa apoiada na ficção. O narrador-escritor encontra-se consciente da precariedade da verdade sobre a morte de Buell Quain, mesmo **“lidando com papéis de arquivos, livros e anotações de gente que não existia”**. Existe a consciência de que os documentos, as cartas são insuficientes para decifrar o que teria levado o antropólogo a se matar. Diante da impossibilidade de compreensão, de entendimento, a criação do romance aproxima-se da morte de Buell Quain e torna-se uma saída para um enigma ainda não solucionado.

A publicação do romance, sustentada por depoimentos e personalidades reais, corria o risco de cair no ridículo, caso surgisse algum parente de Buell Quain com **“a solução de toda a história, o motivo real do suicídio”**. Mas talvez nem o suicídio nem a literatura apresentam uma razão e existem mesmo diante do óbvio.

Um mês depois do suicídio de Buell Quain, sua irmã envia uma carta a Ruth Benedict, relatando: **“O fato de que nenhum de nós provavelmente jamais conhecerá os fatos torna ainda mais difícil nos desembaraçarmos deles”**. Nesse embaraçamento de fatos e relatos, a figura do narrador-escritor/jornalista torna-se essencial, quando passa a reconstituir o sentido de tais relatos, perseguindo as pegadas dos textos. Nesse trabalho de reelaboração dos fatos e ideias, o deparar com lacunas, com vazios de palavras que exigem complemento é constante e imprevisível. A partir daí, a “interpretação” do sujeito detetive tenta resolver o problema ao incluir outras ideias julgadas como supérfluas, diante do discurso que se queira recuperar.

No início da narrativa, o leitor ou o interlocutor, já se deparam com uma advertência de que toda verdade é movediça e incompleta, estando, portanto perdida em contradições e disparates. A construção literária de Nove Noites está marcada por essa verdade movediça, uma vez que as cartas, os relatos encontrados são diversos e fragmentados. E, mais do que isso, as provas documentais ao chegarem às mãos dos narradores encontram-se submetidas ao “saber”, ao olhar de um outro dono, de um outro proprietário. A objetividade dos documentos torna-se “objetiva” em outras mãos. As vicissitudes individuais são passadas de um eu para um outro.

O olhar redator do presente capta interesses passadistas que podem ser deturpados por uma visão que se justifica embaralhada a exausta com o fluir dos tempos. Nesse transcurso, a “incerteza” ganha espaço em um discurso contaminado pelo esquecimento, por uma memória falha: **“Mas antes deixo este testamento para quando você vier e deparar com a incerteza mais absoluta.”** Nove Noites não é uma escrita fixa, e em seu processo de mutação admite uma mobilidade em seu caráter interpretativo. Não existe um relato único, existe a fragmentação, em que histórias paralelas passam a se dialogar. O relato assume uma dimensão instável quando se reporta ao passado, ao tentar ser organizado e objetivo. No resgate do passado, a plenitude e a neutralidade não são mais marcas precisas, mais impressões que podem ser articuladas de acordo com a visão que se queira estabelecer no presente, através da ótica de um outro eu.

O narrador-personagem/epistolar não se deixa iludir pela veracidade dos documentos “oficiais”, não acreditando que apenas um resumo recupere todos os acontecimentos do

passado. Com isso, o relato incorpora aspectos de uma narração, aliando-se a ficção, articulando-se enquanto discurso que se prolifera através do vazio.

Nesse recurso, até que ponto a história oficial seria realmente contada, considerando-se as lacunas, as ausências de palavras nesse universo de microtextos? **“As histórias antes de tudo da confiança de quem as ouve, e da capacidade de interpretá-las. E quando você vier estará desconfiado.”**

A memória textual individual vinculada à memória textual coletiva, juntas, estabelece uma interlocução com o estilo de um sujeito que se apropria de vozes, ecos passados dentro de sua metaficção. **“O que lhe conto é uma combinação do que ele me contou e do que eu imaginei. Assim também, deixo-o imaginar o que nunca poderei lhe contar ou escrever.”** (CARVALHO. p., 134)

EXERCÍCIOS

1) A partir da leitura da obra Nove noites, é **INCORRETO** afirmar que:

- O relato do narrador-escritor desdobra-se em três tempos diferentes articulados pelo enigma da morte de Buell Quain.
- O narrador-personagem apresenta uma escrita fidedigna com relação aos depoimentos do antropólogo americano.
- O engenheiro sertanejo escreve em meados dos anos 1940, quando presente a iminência da própria morte e relembra as “nove noites” em que estivera com o etnólogo.
- O escritor que escreve em 2002 não é o único a ocupar a posição de narrador.

2) Todas as alternativas apresentam características de Nove noites, de Bernardo Carvalho, **EXCETO**:

- Virtualmente, o “você” a quem a carta se dirige inclui não apenas o esperado amante de Buell Quain, como também qualquer um que esteja em posição de lê-la.
- Nessa narrativa tudo é ou se torna suspeito; todas as personagens aparentam saber mais do que dizem e toda a investigação parece estar fadada a não descobrir e sim e encobrir.
- O narrador-personagem é o único personagem que apresenta um discurso verossímil, isento de suspeitas e de motivos secretos.
- Esse romance retrata a morte violenta e inexplicável que se impôs o jovem antropólogo Buell Quain.

03) Com base na leitura de Nove noites, de Bernardo Carvalho, é **INCORRETO** afirmar que, nessa obra, a linguagem:

- Reflete uma alternância de fragmentos jornalísticos e tons memorialísticos.
- Manifesta-se através de tempos que coexistem, num ritmo quebrado e não linear.
- Apresenta-se em diversas passagens como descritiva e objetiva.
- Afirma-se na teatralidade que veicula o comportamento das personagens.

04) A partir da leitura da obra Nove noites, de Bernardo Carvalho, é **INCORRETO** afirmar que:

- O suicídio de Buell Quain trata-se do ponto de partida dessa narrativa: um caso trágico, perdido nos anos e na memória.
- O autor insere fotos e personagens da década de 1930 na história, como pessoas reais e de um fato real e registrado.
- Buell Quain é personagem do mundo real, etnólogo reconhecido que deixou estudos antropológicos e documentação importante sobre a língua Krahô, falada por indígenas brasileiros.
- Buell Quain conviveu com os mais ilustres antropólogos que lhe foram contemporâneos, como o Professor Castro Faria e Lévi-Strauss.

05) Sobre a narrativa Nove noites, é **INCORRETO** afirmar que:

- Os três tempos do relato do narrador-escritor/jornalista não absorvem aspectos que marcam a vida do antropólogo americano.
- Em seu primeiro parágrafo uma advertência ao leitor ou ao pesquisador que decidiu investigar as razões do suicídio do antropólogo: trata-se de um território do indiferenciado, em que falso e verdadeiro combinam.

c) O narrador-escritor, em busca de respostas sobre a morte de Buell Quain, entrevistou parentes do antropólogo, pesquisou documentos e concluiu que imigrar do jornalismo para a ficção era uma saída honrosa.

d) Ao procurar traços da identidade de Buell Quain, o narrador-escritor/jornalista expõe a própria intimidade e os mecanismos da criação literária.

06) Todas as alternativas retratam questões abordadas pela obra Nove noites, de Bernardo Carvalho, **EXCETO**:

a) Choque cultural.

b) Memorialismo.

c) Nacionalismo xenófobo.

d) Verdade e mentira.

07) Todas as alternativas apresentam uma relação corretamente estabelecida entre as personagens de Nove noites e suas características principais, **EXCETO**:

a) Manoel Perna – o silêncio do sertanejo era a prova de sua amizade que ia conquistando Buell Quain.

b) Ruth Landes – jovem geógrafa que estava no Brasil com o objetivo de estudar os rios e florestas da região norte.

c) Professor Pessoa – traduziu uma das cartas, em inglês, deixada por Buell Quain e acalmou os índios, garantindo que eles não tinham nenhuma responsabilidade na tragédia.

d) Buell Quain – achava que estava sendo perseguido ou vigiado onde quer que estivesse e era marcado por uma inquietação existencial.

08) Sobre o enredo de Nove noites, todas as alternativas estão corretas, **EXCETO**:

a) O antropólogo se cortou e se enforcou, sem explicações aparentes. Diante do horror e do sangue, os dois índios que o acompanhavam na sua última jornada de volta da aldeia para Carolina fugiram apavorados.

b) Na bagagem pessoal de Buell Quain, o narrador encontrou roupas, sapatos, livros de música e uma Bíblia. Havia, também, um envelope com fotografias, com retratos dos negros do Pacífico Sul e dos Trumais do alto Xingu.

c) Buell Quain, antes do suicídio, alegou ter recebido más notícias de casa e comunicou aos índios a sua decisão de não mais ficar na aldeia.

d) Buell Quain, em momentos de maior distração e melancolia, falava muito sobre a sua mulher e seus filhos.

09) Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre a história de Buell Quain, **EXCETO**:

a) O antropólogo se matou na noite de 2 de agosto de 1939, no ano de abertura da Segunda Guerra.

b) Buell Quain, nas últimas horas que precederam o seu suicídio, escreveu aos prantos pelo menos sete cartas.

c) Buell Quain chegou ao Brasil em fevereiro de 1938 e cinco meses depois estava morto.

d) Buell Quain chegou ao Brasil às vésperas do Carnaval, no Rio de Janeiro, e foi morar numa pensão da Lapa, reduto de vícios, malandragem e prostituição.

10) Todas as passagens, do romance Nove noites, evidenciam uma combinação entre memória e imaginação, **EXCETO**:

a) “O que agora lhe conto é a combinação do que ele me contou e da minha imaginação ao longo de nove noites.”

b) “Mas a ideia de uma relação ambígua com a irmã, embora imaginária, nunca mais me saiu da cabeça, como uma assombração cuja verdade nunca poderei saber.”

c) “Assim como o que tento lhe reproduzir agora, e você terá que perdoar a precariedade das imagens de um humilde sertanejo que não conhece o mundo e nunca viu a neve e já não pode dissociar a sua própria imaginação do eu...”

d) “Meu pai morreu há mais de onze anos, às vésperas da guerra que antecedeu a atual e que de certa forma a anunciou. Hoje, as guerras são permanentes.”

11) Assinale a opção **INCORRETA** sobre Nove noites:

- a) Ao procurar traços da identidade de Buell Quain, o autor embarca numa expedição paranoica, expondo a própria intimidade e os mecanismos da criação do próprio romance.
- b) Em busca de respostas, o autor entrevistou antropólogos e a própria família do suicida, pesquisou documentos e arquivos, participando, inclusive, de uma expedição na aldeia dos índios Krahô.
- c) Paralelamente ao relato do narrador, o romance apresenta uma espécie de carta deixada por um engenheiro, Manoel Perna, cujo destinatário, supostamente, estaria a par dos motivos do suicídio de Buell Quain.
- d) As personagens, na maioria das vezes, aparentam saber mais do que dizem; toda a investigação parece estar fadada a não descobrir, mas determinada a deliberadamente encobrir.

12) Há momentos, em Nove noites, em que o narrador-escritor tece comentários sobre o tipo ou o gênero de sua própria narrativa, como exemplificam todas as passagens abaixo, **EXCETO**:

- a) “Tentei lhe explicar que pretendia escrever um livro e mais uma vez o que era um romance, o que era um livro de ficção (e mostrava o que tinha nas mãos), que seria tudo historinha, sem nenhuma consequência na realidade.”
- b) “As minhas explicações sobre o romance eram inúteis. Eu tentava dizer que, para os brancos que não acreditavam em deuses, a ficção servia de mitologia, era o equivalente aos mitos dos índios, e antes mesmo de terminar a frase, já não sabia se o idiota era ele ou eu.”
- c) “Duas vezes entrevistei Lévi-Strauss em Paris, muito antes de me passar pela cabeça que um dia viria a me interessar pela vida e pela morte de um antropólogo americano que ele conhecera em sua breve passagem por Cuiabá, em 1938.”
- d) “Tomei o avião para Nova York com pelo menos uma certeza: a de que, não encontrando mais nada, poderia por fim começar a escrever o romance. No estado de curiosidade mórbida em que eu tinha me enfiado, acreditava que a figura do filho do fotógrafo podia me desencantar.”

13) Em todas as alternativas, o medo e o clima de terror referidos juntam-se a uma mesma época histórica, **EXCETO**:

- a) “Numa carta de março de 1939 a Ruth Benedict, Landes diz que vive num estado de absoluta solidão emocional de duas semanas de horror. Menciona uma carta anterior em que teria relatado à orientadora a história de espionagem na Bahia. Se você não as recebeu, ela deve ter se extraviado, mais ou menos deliberadamente.”
- b) “E por uma infeliz coincidência, toda essa correspondência chegou aos destinatários justamente no momento em que os Estados Unidos entraram em pânico por causa das remessas de antraz em cartas anônimas enviadas pelo correio a personalidades da mídia e da política americana até mesmo a pacatos cidadãos.
- c) “A vésperas da guerra, havia também um forte sentimento antiamericanista no ar, e os jovens antropólogos de Columbia, já muito mais acuados, desamparados e solitários”.
- d) “A situação dos estrangeiros no Brasil do Estado Novo era delicada. A impressão era que estavam em vigilância permanente.”

14) Em todas as passagens, extraídas de Nove noites, os termos em destaque são de procedência indígena, **EXCETO** em:

- a) “Seu rosto lembrava o dos índios sul-americanos mal-encarados das aventuras do Timtim”.
- b) “...não me lembrei de ligar o gravador quando o velho Diniz respondeu: Cãmtwyon”
- c) “Me chamavam de branco: Cupen, Cupen”.
- d) “...apareceu com uma bola besuntada de urucum nas mãos...”

15) No decorrer da narrativa de Nove noites, são aventadas várias hipóteses sobre a(s) causa(s) do suicídio de Buell Quain, **EXCETO**:

- a) A suposta desilusão sofrida por uma traição amorosa.
- b) A suspeita de ter contraído uma doença contagiosa e incurável.
- c) O estado de desespero e de terror que dele parece ter tomado conta.
- d) A possível decepção com os resultados de suas pesquisas.

16) A leitura de Nove noites, só **NÃO** permite depreender que Buell Quain era um sujeito

- a) Arredio.

- b) Desprendido.
- c) Introspectivo.
- d) Ganancioso.

17) **NÃO** se verifica, na composição de Nove noites,

- a) Recorrência do flash-back.
- b) Uso de termos chulos e coloquialismos.
- c) Utilização do discurso direto.
- d) Linearidade narrativa.

18) Assinale a alternativa que apresenta um comentário **INCORRETO** sobre a narrativa de Bernardo Carvalho:

- a) Em Nove noites, as ameaças de uma guerra prestes a acontecer, o arbítrio do governo de Vargas e, finalmente, a intranquilidade dos tempos em que a narrativa é construída dão um tom de medo e opressão e circular ao relato.
- b) Na construção desse relato ficcional de histórias reais, aparece toda uma série de reflexões sobre temores e culpas, sobre os mistérios da vida e da morte, sobre as razões que tornam o viver muito perigoso.
- c) No decorrer da narrativa, feita a partir de dois pontos de vista, os fragmentos de um e de outro relato vão se configurando e se ajustando até que, ao final, uma espécie de quebra-cabeça é completado pelo leitor.
- d) A narrativa, sinuosa e repleta de ambiguidades, propõe múltiplos graus de compreensão, oferecendo ao leitor várias camadas de leitura, convidando-o a completar o texto com o seu próprio repertório.

19) Em todas as alternativas, há elementos relevantes na narrativa de Nove noites, **EXCETO** em:

- a) Conflitos conjugais.
- b) Repressão política.
- c) Questionamento existencial.
- d) Diversidades culturais.

20) Assinale a alternativa que apresenta um comentário inadequado sobre Nove noites:

- a) A narrativa apresenta-se como um misto de romance-reportagem e de romance policial, selada pela obsessão investigativa e pelo suspense do andamento das descobertas, que é, em parte, sustentado pelo minucioso balizamento das datas e das circunstâncias da investigação.
- b) O romance é, muitas vezes, marcado pela ótica introspectiva: o narrador revela o protagonista em meio às suas fragilidades, aos seus dramas interiores, vivenciando situações limite, de abandono, de profunda angústia e depressão, com intensa carga sentimentalista.
- c) O relato do narrador-jornalista, embora caracterizado pela circunspeção, apresenta momentos marcados pelo humor e pela ironia, particularmente nos episódios em que rememora a sua infância com o pai aventureiro e naqueles passados junto ao Krahô.
- d) A narrativa estrutura-se, basicamente, em torno de frases simples e objetivas, sem artificialismos: à linguagem é dado um tratamento informal, ausente, portanto, de experimentações e preciosismos.

GABARITO

- 1. B
- 2. C
- 3. D
- 4. B
- 5. A
- 6. C
- 7. B
- 8. D
- 9. C
- 10. D

11. (B) O narrador (Autor) não entrevista os familiares de Quain, embora tenha tentado averiguar se os sobrinhos do antropólogo ainda se encontravam vivos.
12. (C) Notar que, nos outros fragmentos, há uma referência direta e explícita ao gênero da narrativa: romance.
13. (B) As alternativas a, c e d referem-se ao clima de repressão da era Vargas, enquanto a alternativa **B** refere-se ao clima de terror mais atual que tomou conta dos Estados Unidos.
14. (A) O termo associa-se a uma personagem de histórias em quadrinhos.
15. (D) Embora Buell Quain tenha dado algumas mostras de insatisfação sobre o andamento de seus trabalhos, não se cogita esse tipo de insatisfação como motivo para o seu suicídio.
16. (D) Pelo contrário, o etnólogo era desprezado, não se importava com dinheiro.
17. (A) A narrativa recorre à técnica do flash-back.
18. (C) Ao final da narrativa, os mistérios que cercam a morte de Quain permanecem insolúveis.
19. (A) Embora na narrativa haja comentários sobre o divórcio dos pais de Quain, os conflitos amorosos e/ou conjugais não têm relevância em Nove noites.
20. (B) A escrita é marcada pela objetividade, sem quaisquer derramamentos emotivos, sentimentais.